JORNAL ON-LINE E A PRODUÇÃO TEXTUAL

Marion Rodrigues DARIZ
Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Joaquim Assumpção

Com a evolução da sociedade, muda também a educação e uma das características dessa mudança está no uso de ambientes digitais como meio de aprendizagem. Diante disso, é que a *Folha do Estudante*, que teve sua primeira edição impressa, veiculada em 2004, ganha novo formato. A partir de 2006, o jornal passa para o formato digital e on-line, o que o faz globalizado, ampliando seu alcance para que chegue a qualquer lugar do planeta. O fato de tornar o jornal on-line constitui-se fator preponderante: faz com que a motivação dos "alunos escreventes" experimente novos patamares, pois escrever algo para um jornal que vai chegar, no máximo, até a comunidade escolar requer um determinado esforço, agora, escrever para uma publicação que poderá ser acessada, virtualmente, em qualquer lugar do mundo enseja uma dose muito maior de responsabilidade e, por fim, traz aos alunos aquilo que é fundamental neste tipo de atividade: torna os discentes responsáveis pelo próprio aprendizado, fazendo com que o projeto vá ao encontro dos novos paradigmas da educação; percebe-se, então, que o papel dá lugar aos impulsos eletrônicos e as informações atingem grandes velocidades. Para o desenvolvimento do jornal, utilizou-se o hipertexto, um sistema de escrita e leitura não-linear aplicado à informática, principalmente à multimídia. Nele, as informações estão organizadas de forma não hierarquizada e espalhadas em uma rede com inúmeras conexões. Assim, para a Escola, o desenvolvimento deste projeto torna-se imprescindível uma vez que o mesmo visa incentivar o educando a produzir cada vez mais e melhores textos nas mais diferentes áreas do conhecimento, já que as novas mídias deslocam os estudantes do ambiente escolar para todas as partes, isto é, eles têm ampliado seus limites geográficos.

Palavras-chave: Lingüística Aplicada; produção textual; meio digital.

Com a influência dos avanços da ciência e das mudanças sociais nos últimos anos, percebe-se que a organização do ensino passou por um movimento educacional renovador. Este movimento constituiu-se uma reação à educação tradicional alicerçada no silêncio e no imobilismo, no estudo de conteúdos descontextualizados e no descompasso entre a escola e a vida, dando início, assim, a uma pedagogia inovadora e autônoma.

Em todas as instâncias nas quais educadores se reúnem para discutir sobre educação, parece haver um consenso de que cabe à escola formar o aluno em conhecimentos, habilidades, valores, atitudes, formas de pensar e de atuar na sociedade por meio de uma aprendizagem significativa. Para isso, LAMPERT (2000:40) afirma que *"... preparar para inovar significa dispor de conhecimentos, habilidades e atitudes da melhora profissional..."*.

A necessidade de mudança e inovação constitui uma discussão atual e presente no cotidiano escolar. Percebe-se cada vez mais alunos menos animados e predispostos para a aprendizagem sistemática na escola. Há uma necessidade de mudanças nos currículos, conteúdos, metodologia de ensino, sistema de avaliação e principalmente no papel do professor e do aluno. Como isso não ocorre, conseqüentemente, há um aumento da evasão e da repetência. Com o intuito de enfatizar as questões abordadas até aqui, recorre-se a CANDAU (1999:70), in LAMPERT (2000:23) que afirma:

> Hoje, as coisas estão tão dinâmicas, estão aparecendo tantas coisas, a liberdade está se dando muito mais, que o aluno não tem saco para chegar e ficar sentado no banco e ter uma monotonia em sala de aula, só aquele monólogo do professor. O professor tasca a matéria no quadro, uma matéria que, às vezes, ele não faz uma adaptação da prática, da vida... Quer dizer, educação tem que mudar... Ela tem que atrair o aluno para ver, por exemplo, que a Matemática, a Ciência, a História estão aí fora.

Frente a essa concepção sombria de educação em busca de inovação é que reside a temática central deste trabalho para o qual, com amparo em fundamentações consistentes, buscar-se-á alternativas e soluções para uma educação mais motivadora, autônoma e libertadora, pois como alerta TIBA (1996), a motivação para a aprendizagem é fortemente associada à perspectiva de "utilidade" do conhecimento adquirido. Quando o educando não percebe essa utilidade, a aprendizagem se revela desinteressante.

Neste trabalho, procurar-se-á revelar algumas inquietações quanto à realização de uma prática pedagógica melhor, com base nos interesses e necessidades dos alunos, procurando o desenvolvimento real de sua autonomia na aprendizagem da Língua Portuguesa e na construção do conhecimento.

Sendo assim, o presente trabalho está baseado numa experiência de sala de aula, na qual foram utilizadas diversas atividades "lúdicas", numa visão lingüístico-pedagógica em que se procurou favorecer ao máximo o rendimento e a autonomia do aluno, tornando, desta forma, a aprendizagem a um mesmo tempo prazerosa e permanente.

O referido trabalho começou a ser desenvolvido no segundo semestre de 2004, quando surgiu a vontade de um grupo de alunos da 7ª série do Ensino Fundamental de nossa Escola em produzir um jornal escolar que não ficasse só nas fofocas e assuntos fúteis. Formou-se, então, um grupo sob minha responsabilidade, professora de Português e Literatura, e orientação da Coordenação Pedagógica da Escola para discutir como se elaboraria o jornal.

Decidiu-se, então, que se deveria obedecer a algumas etapas antes do início da atividade propriamente dita. Com o objetivo de se ter um contato mais direto e interar-se de todos os passos até a publicação do periódico da Escola, procurou-se agendar uma visita do grupo à redação do Jornal Diário Popular, pois assim ficar-se-ia mais seguro em como proceder à execução do projeto. Além disso, com essa visita, buscou-se a orientação de que se precisava: aprender a comunicar-se melhor e interagir na mídia de maneira mais crítica, de modo que essa experiência servisse de inspiração e motivação.

A partir de então se começou a elaboração do jornal escolar intitulado *Folha do Estudante.* Título este escolhido com a participação de toda a comunidade escolar, através de um concurso. A equipe de redação era formada por alunos do educandário, principalmente os

da 7ª série. As notícias eram de autoria dos alunos quase que em sua totalidade, embora houvesse contribuições de alguns docentes.

Esta publicação visava a atingir o objetivo de uma escola mais democrática, participativa, e que confia no sucesso educativo dos alunos, apostando que a qualidade no ensino é um direito de todos. Busca-se, também, permitir que o educando possa refletir sobre a questão da comunicação e construir o Jornal Escolar utilizando-o como uma via importante de transformação da sua comunidade. Além disso, o periódico devia funcionar como uma agência de notícias para difundir valores de cidadania entre os adolescentes, trocando informações e multiplicando experiências, mostrando que se é capaz de rejeitar o comodismo e transformar a realidade na qual estão inseridos.

Portanto, percebeu-se o jornal escolar como atividade privilegiada para o ensino-aprendizagem sob uma perspectiva inovadora. Evidencia-se, assim, que a atividade de produção deste instrumento contribui para diminuir a distância entre o que se faz com a língua escrita no contexto social mais amplo e na escola, pois como observou FREINET (1974), aquelas ações que, na escola, aparecem destituídas de motivo e sentido, como a correção das redações, na atividade de produção de um jornal escolar, passam a ser compreendidas como uma ação indispensável à realização do objetivo de publicá-lo. Neste caso, tais ações tornam-se motivadas pela necessidade de concluir a atividade.

Entretanto, com a modernização das formas como as informações são apresentadas, a sociedade evolui e com ela também evoluem as diferentes maneiras de se fazer educação. Uma das principais características dessa mudança está no uso de ambientes digitais como meio de aprendizagem.

Diante disso, é que a Folha do Estudante, que teve sua primeira edição veiculada em 2004, ganha novo formato. Em 2006, novamente a professora-autora torna-se responsável pelo jornal mudando o mesmo para o formato digital e on-line, o que o faz globalizado, ampliando seu alcance para que chegue a qualquer lugar do planeta. Surge, então, um novo ambiente comunicacional, midiático, visando uma alteração em um modelo que por muito tempo orientou a comunicação de massa. É a ***Folha do Estudante On-Line.***

JORNAL ON-LINE E A PRODUÇÃO TEXTUAL

O fato de tornar o jornal on-line faz com que a motivação dos "alunos escreventes" experimente novos patamares, pois escrever algo para um jornal que vai chegar, no máximo, até a comunidade escolar requer um determinado esforço, agora, escrever para uma publicação que poderá ser acessada, virtualmente, em qualquer lugar do mundo enseja uma

dose muito maior de responsabilidade e, por fim, traz aos alunos aquilo que é fundamental neste tipo de atividade: torna os discentes responsáveis pelo próprio aprendizado, fazendo com que o projeto vá ao encontro dos novos paradigmas da educação.

Inúmeros foram os fatores que contribuíram para essa transformação do tipo de jornal entre eles pode-se ressaltar que o papel (átomos) vai cedendo lugar a impulsos eletrônicos (*bits*) que podem viajar a grandes velocidades pelas auto-estradas da informação. Os baixos custos de produção de um site na Web representam outro fator determinante para o crescimento do setor de editoração on-line.

Assim, é fácil entender por que é cada vez maior o interesse de grupos editoriais pela mídia on-line, já que este novo meio abrange milhares de consumidores ávidos por informação e entretenimento e é mais barato produzir uma edição eletrônica do que o seu equivalente impresso.

Para o desenvolvimento do jornal, utilizou-se o hipertexto, um sistema de escrita e leitura não-linear aplicado à informática, principalmente à multimídia. Nele, as informações estão organizadas de forma não hierarquizada e espalhadas em uma rede com inúmeras conexões (os links).

Segundo BUGAY (2000), uma forma bastante comum de hipermídia é o hipertexto no qual a informação é apresentada ao usuário sob a forma de texto, através de uma tela do computador. O usuário pode iniciar uma leitura de forma não linear, ou seja, escolhe entre o início, meio ou fim de um texto.

Estas características fizeram com que este novo ambiente tecnológico fosse batizado de hipermídia: "uma vasta quantidade de informação eletrônica, armazenada de forma incremental", que permite ao leitor constituir qualquer seqüência ou conjunto de blocos informativos, sem fronteiras de assuntos, autores ou formas convencionais de estruturação do texto impresso.

Embora essa transformação esteja no início e as pessoas ainda tenham uma relação pouco interativa com o meio digital, as mídias tradicionais já perceberam que estão diante de um novo quadro e que é preciso investir em novas tecnologias para acompanhar o ritmo das mudanças.

Assim, para a Escola Dr. Joaquim Assumpção, o desenvolvimento desse projeto torna-se imprescindível uma vez que o mesmo visa incentivar o educando a produzir cada vez mais e melhores textos nas mais diferentes áreas do conhecimento, já que as novas mídias deslocam os estudantes do ambiente escolar para todas as partes, isto é, eles têm ampliado seus limites geográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUGAY, Edson Luiz; ULBRICHT, Vania Ribas. ***Hipermídia***. Florianópolis: Bookstore, 2000

CANDAU, V.;LUCINDA, M.C.; NASCIMENTO,M.G. ***Escola e Violência***. Rio de Janeiro:DP&A,1999.

FREINET, Célestin. ***O Jornal Escolar***. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido***. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LAMPERT, Ernani. ***Experiências Inovadoras e a Tecnologia Educacional***. Porto Alegre: Sulina, 2000.

TIBA, Içami. ***Disciplina, limite na medida certa***. 39 ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.